

I

A LEITURA DO LIVRO DE JÓ



Na forma e no estilo *Jó* é diferente de qualquer outro livro da Bíblia. É uma daquelas obras que você tem de estar com vontade de ler. Muitas pessoas dão uma olhada e o colocam de lado. Para aqueles que dedicam um tempo para entrar nos seus temas, a leitura é uma experiência incrível. Alguém certa vez perguntou ao meu filho qual era o seu livro favorito da Bíblia. Acho que ele estava no início da adolescência na época. O olhar de espanto no rosto do interlocutor quando ele disse “Jó” era digno da capa de qualquer revista de fotografia. Você já conheceu um menino de 12 anos que considerasse Jó o livro mais interessante da Bíblia? Ele tinha 7 anos quando eu preguei uma série sobre Jó em nossa igreja. Divertimo-nos muito recebendo várias pessoas da congregação para lerem os capítulos quando apresentamos o livro de Jó no formato de um programa de rádio seriado a cada semana. O que deu vida foi o fato de que algumas coisas difíceis estavam acontecendo para as pessoas em nossa igreja na época, e o livro de Jó nos falou de Cristo e do seu papel em nossas lutas. Meu filho não conhecia todas as histórias até então, mas a Palavra de Deus tomou vida quando nós a estudamos e escutamos e oramos juntos. Portanto, vamos fazer uma pausa e pensar sobre como vamos abordar essa parte da Palavra de Deus.

Ninguém sabe quem escreveu esse livro, ou quando, e essa não é a nossa principal preocupação neste estudo. Mas é interessante e vale a pena pensar se isso nos ajuda a imaginar exatamente o que aconteceu. O livro de Jó não é um mito antigo ou uma história atemporal definida na terra do nunca. Os mitos são sobre pessoas ou criaturas que não são encontradas em qualquer local ou época identificada e em histórias que

nunca podem ser confirmadas. O livro de Jó é sobre pessoas reais, identificadas pelo nome de família e localizadas num lugar real em determinado tempo – assim como nós.

Ouvindo Jó como uma peça teatral

O livro de Jó parece ter sido escrito na forma de uma peça teatral. Não fazemos ideia de como esse livro teria sido lido ou apresentado à comunidade onde ele primeiro apareceu. Imaginamos que ele tenha sido lido em voz alta para uma plateia, uma vez que os livros eram copiados à mão e caros demais para que a maioria das pessoas pudesse ter acesso direto a um exemplar.

Não sabemos quase nada sobre a peça, ou mesmo se havia algo semelhante ao que chamamos de peça teatral ou teatro no antigo Oriente próximo.¹ Provavelmente não havia. Mas Jó parece ter sido escrito como se um narrador estivesse contando uma história e as pessoas estivessem lendo suas respectivas partes.

Podemos imaginar um livro que está sendo apresentado para uma plateia quase que da mesma maneira que uma novela de rádio era apresentada no século 20. Mesmo que todas as falas fossem lidas por uma mesma pessoa, continuava a haver um elemento de drama no ciclo de discursos. Muito provavelmente, eram apresentados por um leitor profissional ou contador de histórias semelhante às pessoas que ganham a vida com isso em muitos países hoje.

O livro de Jó seria diferente do que nós conhecemos como teatro, porque não há ação. O drama é encontrado nas ideias, na paixão e na lógica dos argumentos. O público é arrastado para dentro das questões, como num remoinho, à medida que o leitor dá expressão à frustração e agonia refletidas da situação de Jó e pelas várias maneiras de tentar fazer sentido de tudo o que estava acontecendo.

O gancho que atrai o público é o fato de que nós todos sofremos, e de vez em quando todos nós vemos exemplos de sofrimento que pensamos serem imerecidos, aleatórios, ou até mesmo cruéis. Todos nós lutamos com questões difíceis (ou tentamos não pensar nelas).

Os argumentos apresentados não são questões abstratas. É sobre mim. É sobre a perda do meu filho. Trata-se da família com dois filhos autistas que eu conheço. Trata-se de um marido que cuida da esposa que

está com leucemia. Trata-se do Deus que governa um mundo onde um homem justo, bondoso e piedoso é assassinado. E todos nós queremos saber a razão. Algumas pessoas querem acusar Deus, e outras querem defendê-lo, mas não sabemos por que ele permite que tais coisas aconteçam. E isso nos faz sofrer.

Então, queremos pular de nosso assento e discutir com esses homens. Como os críticos de cinema ou de rádio, não podemos apenas nos sentar e nos divertir com essa leitura do roteiro. Também queremos ter a nossa fala. E, às vezes, quando tudo fica próximo demais, queremos fugir.

As pessoas que ouviram essa peça pela primeira vez talvez a tenham considerado chocante. O sofrimento de Jó é indigno e confrontante. Os amigos tornam-se tão irritados que não conseguem nem falar. Há um jovem que se faz de tolo ao fazer um comentário quase cômico como que para prover um alívio depois de toda a tensão da discussão, bem a tempo de prepará-los para a fala do Senhor.

As coisas que são ditas parecem não apenas ir contra as crenças religiosas e os deuses da cultura local, mas até mesmo ridicularizam suas alegações. Como uma leitura dramática, Jó convida uma cultura pagã a repensar todas as coisas e desafia sua visão de mundo em cada ponto.

No livro de Jó encontramos referências a figuras que agora sabemos que são personagens míticos ou deuses pagãos, e que tiveram grande importância nas crenças e costumes de uma gama de pessoas no antigo Oriente Próximo. Ouvimos sobre Mot (morte), Behemoth, Leviatã, e as estrelas que cantam quando Deus estabelece as bases da criação. Vários oradores fazem alusão aos mitos antigos sobre Yam (o mar), Tanino, e Raabe, os monstros do mar. Há uma considerável utilização de imagens poéticas extraídas de vários entendimentos sobre o lugar dos mortos. Muitas dessas coisas são difíceis de entender, porque temos um conhecimento inadequado das diversas formas e evolução desses mitos, nas diferentes comunidades que os transmitiram ao longo de centenas de anos. O que está claro é que Jó e seus amigos estão expondo a verdade diante de alguns mitos temíveis. Nesse contexto, Jó e os outros estão determinados a apresentar Deus como muito mais poderoso, mais transcendente, bem como tendo total controle das coisas que os seus contemporâneos tinham em temor e reverência. É como dizer que o nosso Deus é maior do que o Super-homem, Alien, Predador, Godzilla, ou Rambo.²

Isso é teatro evangelístico e teologizar com paixão. A discussão começou na leitura pública do livro de Jó e tem continuado até aos nossos dias.

Nesse turbilhão de paixão e de ideias, crenças e medos, Jó firmou-se com unhas e dentes no que conhecia das “palavras do Santo”, que eram as promessas e a declaração de Deus de que ele, Jó, era justo, e não as abandonou.

Nessa fornalha do sofrimento e da confusão, o entendimento de Jó estava no limite, e o que ele sabia o levou a descobrir coisas que ele não entendia.

Então, vamos descobrir um pouco mais sobre esse homem extraordinário.

O cenário

É possível que esse tenha sido o primeiro livro da Bíblia a ser escrito. Não há dúvida de que os acontecimentos descritos nele tiveram lugar antes de qualquer livro da Bíblia ter sido escrito. Imediatamente ficamos intrigados. Temos o texto integral da Palavra de Deus nas Escrituras – para Jó, não havia mais livros para vir. Esse homem, Jó, não tinha nenhum deles; então, em que base e com que recursos ele conseguiu passar por essas experiências sem pecar (Jó 42.7-8)?

A saga de Jó está provavelmente situada no período compreendido entre Abraão e Moisés, embora possa ainda ser anterior a Abraão. Sabemos que Jó viveu no “Oriente” (Jó 1.3), que se refere à terra a leste do rio Jordão. Poderia estar em qualquer lugar de Edom (Jz 6.3) ao norte da Síria (Harã, o lar de Labão, Gn 29.1). Ele veio da terra de Uz, e um jovem que se envolve nessa discussão, Eliú, era um buzita.

Sabemos de dois homens chamados Uz. O primeiro era um filho de Arã (Gn 10.23). A linha de sucessão da aliança não inclui Arã, mas segue a linha por meio de seu irmão Arfaxade (Gn 10.22, 24; 11.11-13). O segundo homem chamado Uz tinha um irmão chamado Buz, e esses homens eram sobrinhos de Abraão (Gn 22.21), filhos de seu irmão Naor. A pátria de Naor se chamava Arã-Mesopotâmia. Betuel, filho de Naor, era o pai de Labão e Rebeca e avô de Lia e Raquel. Uz e Buz eram irmãos de Betuel. Tanto Betuel como Labão são chamados de “arameus de Padã-Arã” (Gn 25.20; 31.20). É como se esses nomes como arameu

ou buzita pudessem ser usados para identificar um homem quer porque ele fosse descendente de alguém que originalmente tinha esse mesmo nome ou porque tinha vindo da terra que uma vez fora propriedade de uma família que trazia o mesmo nome. Muitas vezes descobrimos que mais de uma pessoa tem o mesmo nome. Assim, Uz e Buz têm um sobrinho chamado Arã. Embora seja possível que Jó tenha vivido antes de Abraão, a correlação dos dois nomes, Uz e Buz, empresta alguma probabilidade a um tempo entre Abraão e Moisés.

Por volta do século 6º. a.C., parece que os descendentes de Uz e Buz podem ter-se mudado para o sul, para a terra de Edom. Jeremias se refere a “os reis da terra de Uz” (Jr 25.20), em companhia dos filisteus, Edom, Moabe e Amom, e o povo de Buz (Jr 25.21-23), em sociedade com Dedã e Tema ao noroeste da Arábia. O livro de Lamentações localiza os edomitas na terra de Uz (Lm 4.21). Em Jó 1.15, 17, os invasores que roubaram os seus rebanhos e mataram os seus servos eram sabeus (árabes) e caldeus. Os caldeus eram um povo originalmente associados aos sírios, mas que, posteriormente, migrou para o sul da Mesopotâmia. Se a terra de Uz ficava em algum lugar perto ou dentro da área conhecida como Arã, a distribuição do gado e rebanhos parece bastante lógica. Cada um desses povos atacou os rebanhos e manadas de Jó separadamente. Por isso, é provável que alguns dos rebanhos e manadas de Jó possam ter sido desviados para as pastagens ao sul da Síria, ao longo do leste do Jordão, enquanto outros foram para o sudeste ao longo do vale do Eufrates. É mais difícil imaginar que todos tenham rumado para o norte a partir de um local em Edom estendendo-se ao longo de uma linha de tal distância.

Em ambos os casos, podemos estar razoavelmente certos de que, se Jó veio da terra de Uz, ele era descendente do sobrinho de Abraão com o mesmo nome, e que sua terra natal poderia estar localizada em qualquer lugar de Arã (norte da Síria) a Edom.

Os filhos de Jó viviam em casas e não em tendas, uma das quais, quando atingida por um “grande vento”, caiu sobre seus filhos e os matou (Jó 1.19). Ele não era, portanto, um nômade, de modo que ele e sua família teriam de viver perto de uma fonte permanente de água doce. Sua posse da terra teria envolvido heranças e, possivelmente mais tarde, a compra. Sua atividade era a criação de rebanhos de ovelhas, camelos, bois e jumentos (1.3), o que exigia grandes áreas de pastagens e servos que se movessem com as vacas e ovelhas de um pasto para outro, possivelmente cobrindo distâncias significativas sobre um território que não